

É em dias como este que me ponho a limpar. Espreito pela janela e reparo que chuveira. São poucas e pequenas, as gotas de água, mas juntando a sua queda ao dia cinzento que as nuvens oferecem, fica instalado este clima de “mau tempo”. Uma análise muito subjetiva das condições meteorológicas, claro está. Prefiro os dias de sol porque o meu corpo pede vitamina D e mar. Assim, dias de chuva são, para mim, dias mais desagradáveis. Até porque é em dias como este que me ponho a limpar. Limpo resignadamente e porque vivo um paradoxo (vivo, na verdade, vários paradoxos): não gosto de viver num local sujo e limpar deixa-me deprimida.

Abro a janela; sinto o ar frio, húmido e pesado que entra. Uma nuvem afasta-se e, por segundos, um raio de sol ilumina-me a vista. Apalpo as portadas e, rapidamente, fecho aquele portal de vida exterior, para o qual se costuma usar o termo *janela*.

O telefone fixo toca- é a minha mãe. Atendo, ainda um pouco baralhada com a atitude repentina da nuvem e escuto as mesmas perguntas de sempre. Sim, estou bem. Sim, já almocei. Fiz legumes salteados com arroz. Não, não, não como carne há cinco anos. E, de repente, uma pergunta aparentemente banal desassossega-me a alma:

- O tempo, como está?

- a qual dos tempos te referes?

- Oh filha, a qual dos tempos!? Caramba, que a chuva sempre te deixou estranha.

- então sabes que aqui chove.

- Pois, aquilo que eu...

- aquilo que realmente não sabes é como tenho vivido o tempo psicológico. As horas, os dias, como têm passado para mim. O tempo voa agora de outra forma e isso não se consegue ler no jornal.

Fiquei a pensar sobre o tempo e não prestei atenção ao resto da conversa. Despedi-me, pousei o telefone e decidi que ia limpar a cozinha enquanto cozinhava estes pensamentos.

Ao entrar na cozinha reparo na quantidade de objetos inúteis que fui acumulando nas bancadas ao longo da semana. Reparo que nos preocupamos mais em manter a cozinha limpa e arrumada, do que em manter uma psique com o mesmo equilíbrio. Tenho consciência de que acumulo pensamentos negativos e inúteis com a mesma facilidade com que encho as bancadas da cozinha de tralha. Talvez seja por isso que quando me sinto triste, que quando os dias são chuvosos, me ponho a limpar. Limpo as bancadas para me abstrair destes pensamentos obsessivos e destrutivos. Limpo as bancadas porque não sei como limpar a alma.

As bancadas estão limpas, a loiça arrumada e o chão aspirado- apesar de já se acumularem pelos de gato debaixo do fogão.

Reparo agora no fogão. Uso-o há vários meses e, até hoje, não o tinha *observado*. Já tinha *olhado* para ele, já tinha me tinha apercebido de algumas características suas, já

o tinha lavado, claro. Mas tudo de forma muito superficial. Hoje, pela primeira vez, *observei* o fogão. É um fogão antigo, mas com um design intemporal. Foi comprado pela minha avó. Suponho que seja dos anos 80 ou 90 e que, desde essa época, não o tenham lavado decentemente. Está muito sujo. Está tão sujo que tem as placas negras de gordura seca e queimada e um bico entupido por ter os buraquinhos por onde deve passar o gás cheio dessa nojenta matéria negra. Olhei enjoada para esse cenário, desmontei as peças, amontoei-as na pia, procurei o esfregão, enchi a esponja de detergente barato e liguei a água quente. Queimei-me- não estava à espera que aquecesse tão rápido- e comecei a esfregar. Esfreguei, esfreguei, esfreguei e, à medida que ia arranhando com o esfregão umas zonas e deslizando a esponja espumante noutras, à medida que ia destruindo camadas e camadas de gordura, imaginei os anos e anos de refeições que aquele objeto acarreta. As receitas que cozinhou, as discussões familiares a que assistiu, as filhas que viu partir, a solidão que o seu calor aconchegou, as novas paixões que ajudou a conquistar, os amigos que viu sorrir, os netos que ouviu pedinchar pela sopa com feijão e pelo *puré de molho*. Senti-me uma assassina contratada para matar um inimigo que não conhece, mas com o qual sente empatia. Senti que cometia um crime necessário e que a água acinzentada que se ia acumulando no lava-loiça era o sangue que escorria do corpo dessa minha vítima. O som do esquentador a acender a chama para ferver a água; o som dessa água a correr pelos canos caindo, através da torneira de metal, na bancada de pedra; o som do esfregão áspero a arranhar as peças sujas e o som das mangas da minha camisola a descerem lentamente em direção às minhas agitadas mão molhadas.

Como o quotidiano pode ser avassalador.

Pela janela ia entrando cada vez menos luz e o ruído da chuva intensificava-se